

Fundo de Previdência Social do Município de Passo do Sobrado - RS



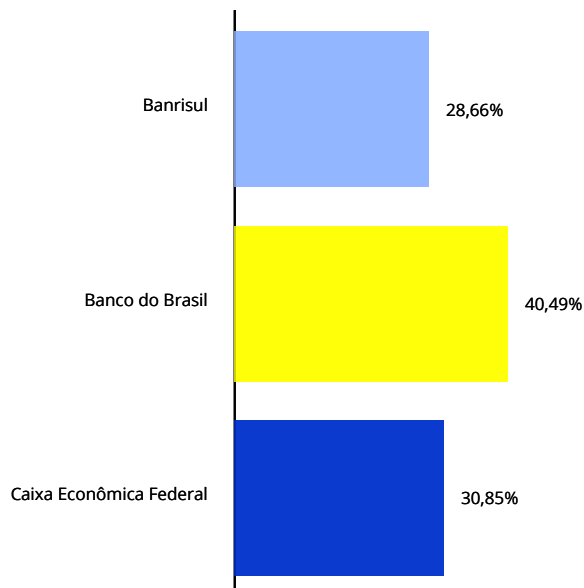
Relatório da Carteira de Investimentos

AGOSTO

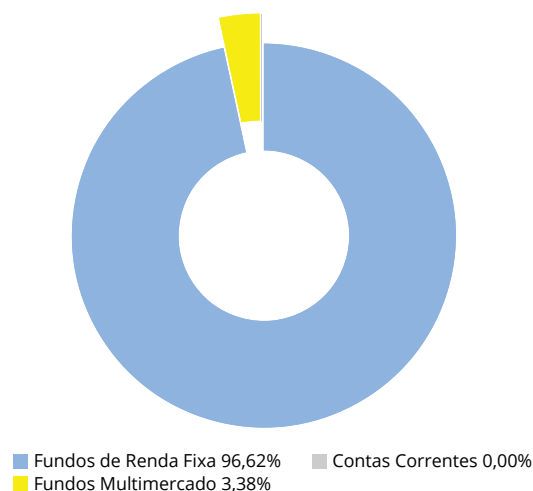
Os recursos do FPSM são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuída da seguinte forma:

Distribuição da Carteira por Instituição Financeira



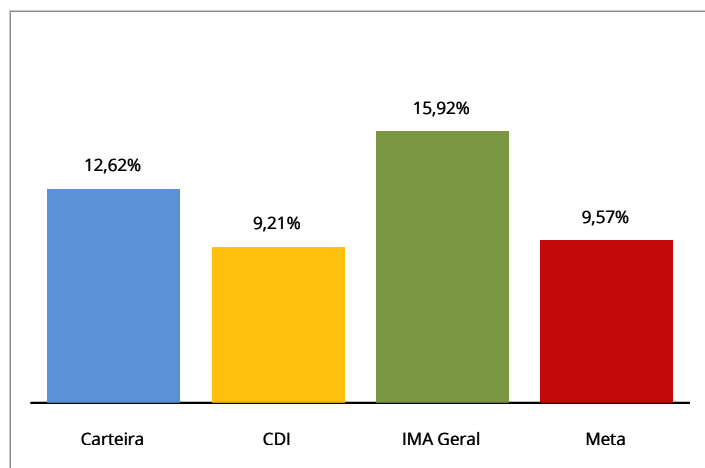
Distribuição da Carteira por Segmento



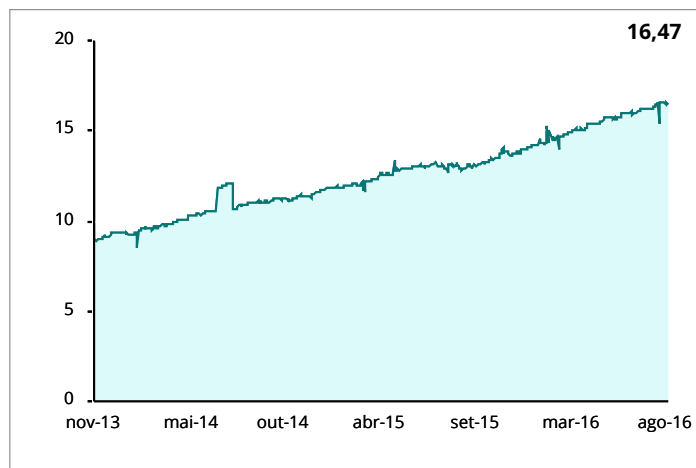
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
FPSM	1,16%	12,62%	17,77%
CDI	1,21%	9,21%	14,13%
IMA Geral	1,03%	15,92%	19,78%
Meta Atuarial - IPCA + 6 %	0,93%	9,57%	15,47%

Carteira x Indicadores em 2016



Evolução do Patrimônio (em R\$ Milhões)



Análise de Desempenho: A carteira do FPSM tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.



Análise Macroeconômica

Em agosto foi realizado o Simpósio de Jackson Hole nos EUA. Nele, a presidente do Fed Janet Yellen discursou com o objetivo de reforçar a percepção de que a economia americana estaria se fortalecendo e que isso estimularia o Fed a subir os juros. Logo após o discurso, Stanley Fischer concedeu uma entrevista na qual interpretou a fala de Yellen como condizente com dois aumentos de juros ainda neste ano, a depender de como vierem os dados. Ocorre que os dados divulgados desde então, especialmente do mercado de trabalho americano, não trouxeram surpresas positivas. Assim, apesar do tom mais forte utilizado pelo Fed, continuamos acreditando que não haverá aumento de juro neste ano – entretanto, reconhecemos que cresceu a probabilidade de formação de bolhas nos mercados de ativos, o que pode ser um fator determinante para o Banco Central (BC) americano decidir por elevar a taxa básica em dezembro.

Na Zona do Euro, os indicadores de confiança sobre o ritmo de atividade econômica se reduziram levemente. Por outro lado, os indicadores no Reino Unido mostraram queda intensa da confiança da região. Como crises de confiança têm potencial para derrubar a atividade das economias, o BC do Reino Unido (Bank of England - BoE) decidiu aumentar seu programa de compra de ativos. Ainda, o BoE deverá reduzir sua taxa básica de juro, que atualmente se encontra em 0,5% ao ano.

Na economia chinesa, os dados divulgados mostraram que a atividade segue em desaceleração, sendo puxada para baixo pelos investimentos. Os indicadores de confiança da região calculados pelo governo continuaram mostrando uma suposta tendência de crescimento mais rápida do que o indicador de confiança calculado por uma instituição privada. Logo, permanecemos acreditando que a economia chinesa é o maior risco à estabilidade global.

Na economia brasileira, o processo de impeachment foi finalizado no último dia de agosto e Dilma Rousseff foi definitivamente afastada da presidência da República. Michel Temer tomou posse no mesmo dia e fez um pronunciamento à nação prometendo que os alicerces de seu governo serão: “eficiência administrativa, retomada do crescimento, geração de emprego, segurança jurídica, ampliação de programas sociais e a pacificação do país” – curiosamente sem incluir o combate à corrupção.

Até a finalização do impeachment, a justificativa de Temer para adiar a realização do ajuste fiscal e aprovar algumas medidas que trariam elevação considerável de despesas (como os reajustes de salários de servidores) era de que ele ainda estava no governo interinamente e que caso propusesse medidas impopulares, correria o risco da volta de Dilma. Agora, porém, será necessário que ele e todo seu governo defendam de maneira clara e direta a Proposta de Emenda à Constituição 241 (que define o orçamento de 2016 como um teto para os gastos dos anos seguintes, corrigido apenas pela inflação) e a indispensável Reforma da Previdência.

O teto de gastos já teve seu trâmite iniciado no Congresso, mas ainda está em sua avaliação inicial. A Reforma da Previdência, todavia, sequer teve seu projeto enviado ao Congresso – e, para piorar, Temer defendeu enviar esta reforma apenas após as eleições municipais, que ocorrerão em outubro. Assim, em nosso ver, nenhuma destas duas propostas serão aprovadas neste ano, mas devem ser confirmadas no primeiro semestre de 2017. Apesar da projeção conservadora sobre o tempo necessário para aprovação das medidas citadas, permanecemos bastante otimistas com a perspectiva de retomada da atividade econômica no último trimestre do ano corrente.

A percepção de demora da consolidação fiscal do país fez com que revisássemos nossa projeção para o ciclo de afrouxamento monetário que será realizado pelo Banco Central do Brasil. No último dia de agosto, o BC decidiu manter a taxa Selic estável em 14,25% ao ano, em linha com a nossa expectativa. Como agora vemos que a consolidação fiscal ocorrerá lentamente, passamos a acreditar que a meta da taxa Selic ficará estável nas próximas duas reuniões do ano e será cortada apenas no início do ano que vem. O Copom sinalizou, por meio do comunicado pós reunião, que para cortar os juros precisa enxergar desinflação nos preços de alimentos e de serviços e o ajuste fiscal sendo realizado sem impactos sobre os preços – isto é, sem aumento de tributos. Este último fator, em nossa opinião, é o mais importante e tende a ser alcançado mais lentamente do que os demais.

Renda Fixa

No Brasil, acreditamos numa atitude mais firme do governo Temer, com medidas mais agressivas em direção ao ajuste fiscal. O investidor estrangeiro espera do Brasil sinais claros de austeridade. Enquanto isso, no hemisfério norte, os EUA parecem estar entre o receio de elevar os juros de forma precipitada (vide os dados mistos divulgados



de sua economia) e o de elevar os juros de forma tardia, correndo o risco de enfrentar outras bolhas nos seus mercados imobiliário e de ações. Prevemos um fim de ano volátil diante dessas expectativas.

O mês iniciou com otimismo por parte do mercado, que precificava poucas chances de um aperto, já em setembro, pelo Fed. Tal otimismo levou a um fechamento na parte curta da curva de juros, enquanto os vértices longos se beneficiavam da impressão de que teríamos, no Brasil, um novo presidente. Na última semana do mês, contudo, as declarações com viés hawkish do vice-presidente do Board of Governors do Fed, Stanley Fischer, causaram uma considerável abertura por toda extensão da curva.

O dólar fechou estável em agosto, apesar de ter atingido a mínima no dia 10, quando o Senado votou a favor do afastamento definitivo de Dilma Rousseff da presidência da República. A recuperação da moeda se deu a partir do dia 17, pois a cautela em relação aos avanços do ajuste fiscal permaneceu no radar.

Renda Variável

Em agosto, continuamos a observar valorização nas principais bolsas de valores, porém com certo viés de estabilidade na última quinzena do mês. O Ibovespa valorizou 1%, enquanto S&P 500 -0,1%, DAX 2,5%, FTSE 100 0,8% e Nikkei 1,89%. Chamaram a atenção alguns destaques importantes no âmbito macro que, somados, são responsáveis pelo movimento acima mencionado: os principais bancos centrais e suas políticas expansionistas; a forte correlação que observamos entre os índices acionários e o orçamento destes bancos; os resultados corporativos abaixo do esperado, que não corresponderam ao rali de alta das bolsas, evidenciando múltiplos em patamares considerados caros; divergência de opiniões entre os membros do Fed em três vertentes distintas; rali de alta de commodities versus a realidade da demanda chinesa. Resumindo, temos um Fed otimista com o mercado de trabalho e a atividade econômica americana, porém cauteloso ao aguardar novos resultados dos indicadores econômicos antes de uma possível alteração na taxa de juros. Isto faz com que os BCs protejam suas economias em caráter de espera, promovendo farta liquidez aos mercados. Estes últimos, procuram mercados de risco, tais como: bolsas, que já estão com múltiplos que não correspondem à expansão das empresas; e commodities, que são fomentadas ora por contestadas demandas na China e ora por negociações entre produtores, com o objetivo de ajustar a oferta.

Ainda dentro do raciocínio apresentado, porém sob a ótica dos países emergentes, concluímos que todo esse movimento favorece os países em desenvolvimento que possuem moedas apreciadas. A exemplo do Real nos últimos meses, por fluxo de investidores que procuram oportunidades mais baratas, e a exemplo das bolsas de valores, que possuem múltiplos mais descontados e índices preço/valor patrimonial abaixo da média mundial. Estes fatores explicam o porquê de não vermos fortes estresses e baixa volatilidade das Bolsas de Valores.